

Moda e comunicação: corpo-território, estética negra e resistência

Fashion and communication: body-territory, black aesthetics and resistance

Moda y comunicación: cuerpo-territorio, estética negra y resistencia

Vinicius Araujo de FREITAS¹
Lívia Silva de SOUZA²

Resumo

Este trabalho investiga como a atriz Clara Moneke se constrói como figura estética da negritude, a partir da análise de conteúdos das páginas Steal The Look e Africanize Oficial, no Instagram. Parte-se da ideia de que a moda é também meio de comunicação e pode operar como linguagem de resistência. O estudo mobiliza a noção de corpo-território para compreender a visibilidade no ambiente digital, considerando o papel dos algoritmos na circulação das imagens. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com base na metodologia da semiótica discursiva e plástica. As análises evidenciam uma estrutura narrativa que desloca o corpo negro da ausência histórica, alçando-o como território de afirmação e reexistência, mesmo em um ambiente digital marcado por intensas disputas semióticas e algorítmicas.

Palavras-chave: comunicação; moda; estética negra; corpo-território; semiótica discursiva.

Abstract

This study investigates how actress Clara Moneke constructs herself as an aesthetic figure of Blackness through the analysis of content from the Instagram pages Steal The Look and Africanize Oficial. It is based on the premise that fashion is also a means of communication and can operate as a language of resistance. The study mobilizes the

¹ Mestrando em Comunicação e Territorialidades pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Pesquisador do Grupo de Pesquisa Comunicação e Consumo (UFES). E-mail: viniciusaraujo66@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-9822-4645>.

² Docente no Departamento de Comunicação Social e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo. Doutora em Ciências da pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: livia.souza.37@ufes.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1518-7379>.



notion of body-territory to understand visibility in the digital environment, considering the role of algorithms in the circulation of images. This is a qualitative study grounded in the methodology of discursive and plastic semiotics. The analyses highlight a narrative structure that displaces the Black body from its historical absence, elevating it as a space of affirmation and re-existence within a digital environment marked by semiotic and algorithmic disputes.

Keywords: communication; fashion; Black aesthetics; body-territory; discursive semiotics.

Resumen

Este trabajo investiga cómo la actriz Clara Moneke se construye como figura estética de la negritud, a partir del análisis de contenidos de las páginas de Instagram *Steal The Look* y *Africanize Oficial*. Se parte de la idea de que la moda es también un medio de comunicación y puede funcionar como un lenguaje de resistencia. El estudio moviliza la noción de cuerpo-territorio para comprender la visibilidad en el entorno digital, considerando el papel de los algoritmos en la circulación de las imágenes. Se trata de una investigación cualitativa, basada en la metodología de la semiótica discursiva y plástica. Los análisis evidencian una estructura narrativa que desplaza el cuerpo negro de su ausencia histórica, elevándolo como un espacio de afirmación y reexistencia en un entorno digital marcado por disputas semióticas y algorítmicas.

Palabras clave: comunicación; moda; estética negra; cuerpo-territorio; semiótica discursiva.

Introdução

A moda, historicamente compreendida e estudada a partir de uma perspectiva eurocêntrica, assume outras dimensões quando mobilizada por sujeitos que foram, por muito tempo, colocados às margens da história e da representação midiática. No caso de pessoas negras, ela se projeta como uma forma de resistência simbólica e de afirmação identitária, deslocando o olhar que a restringia ao campo da frivolidade para evidenciar seu potencial enquanto linguagem cultural e política. Como lembra Barnard (2003), a moda é parte de um sistema de significação que articula identidades e fronteiras sociais; no caso da estética negra, esse sistema se transforma em espaço de contestação e reinvenção. Em ambientes digitais como o Instagram, essa dimensão é potencializada: a estética deixa de ser apenas uma prática de estilo individual e adquire alcance ampliado, convertendo-se em prática comunicacional que tensiona os limites entre o pessoal e o político, o corpo e a narrativa, o cotidiano e a performance. A moda, nesse sentido, pode ser compreendida como enunciação, uma mídia que, ao mesmo



tempo em que comunica estilo, também reinscreve presenças e desafia silenciamentos históricos.

A escolha de Clara Moneke como recorte desta pesquisa não é fortuita, mas estratégica. A atriz negra ganhou destaque nacional com sua atuação em *Vai na Fé* (TV Globo, 2023), telenovela que conquistou grande audiência ao articular narrativas centradas em personagens negros e que a consagrou como um dos novos rostos da dramaturgia brasileira. Em sua trajetória recente, protagonizou *Dona de Mim* (TV Globo, 2025), produção que traz um elenco majoritariamente negro e a consolida como uma das grandes apostas da emissora. A presença de Clara em um dos horários nobres da emissora, às 19 horas, simboliza não apenas uma conquista individual, mas também a ampliação de espaços de visibilidade para narrativas negras em uma mídia historicamente marcada pelo predomínio de representações brancas em papéis de protagonismo. É nesse contexto que se situam os *posts* analisados neste trabalho: registros aparentemente cotidianos, realizados durante sua ida para as gravações de *Dona de Mim*, mas que, ao serem compartilhados no Instagram, adquirem dimensão simbólica. Neles, a imagem da atriz é associada a uma estética negra de protagonismo, estilo e resistência, que reconfigura o corpo como território e reinscreve a negritude no campo da moda, do digital e da comunicação.

Nessa perspectiva, os espaços digitais podem ser compreendidos como territórios simbólicos de disputa, nos quais diferentes sujeitos constroem e negociam sua visibilidade e presença. Inspirado em Haesbaert (2023), este trabalho entende o território não como mero espaço físico, mas como uma construção relacional, marcada por fluxos, afetos e conflitos que atravessam tanto os lugares quanto as representações. O digital, nesse sentido, não é apenas um “não-lugar” de interação, mas um campo em que se materializam disputas por reconhecimento e se constroem novas formas de pertencimento. É também nele que se reproduzem exclusões e se articulam resistências, fazendo com que o território se configure como espaço sempre instável, no qual identidades e presenças são continuamente tensionadas.

Ao deslocar esse raciocínio para a dimensão do corpo, Haesbaert (2020) propõe a noção de corpo-território, compreendido como espaço primeiro e último de defesa, de memória e de enunciação política. O corpo, sobretudo o corpo negro, é território em que se inscrevem experiências históricas de opressão, mas também práticas de reexistência que desafiam normas e estereótipos. Nesse horizonte, a moda pode ser



vista como extensão desse corpo-território: um recurso de linguagem por meio do qual sujeitos racializados reivindicam visibilidade e narram pertencimentos. É nessa chave que se insere a presença digital de Clara Moneke, cuja atuação nas redes sociais desloca o corpo negro do lugar normativo reservado pela mídia, muitas vezes associado a estéticas subalternizadas para reinscrevê-lo como corpo de estilo, referência e potência criativa. Ao exibir seus *looks* em momentos aparentemente ordinários, como o trajeto para as gravações de novelas, a atriz mobiliza códigos estéticos que afirmam sua negritude de forma inventiva, elegante e dissidente, projetando o cotidiano como espaço político e midiático.

Este estudo tem como *corpus* duas imagens, uma de cada página no Instagram, que evidenciam a dinâmica de significação em torno da presença estética de Clara Moneke. A primeira, publicada pela página *Steal The Look*, especializada no universo da moda, enquadra Clara como referência *fashionista*, destacando o apelo estético de seus *looks*. A segunda, veiculada pela página *Africanize Oficial*, insere sua presença em um projeto de valorização da cultura negra, ressaltando a dimensão política de sua performance estética. Embora apresentem enquadramentos distintos, ambas as publicações constroem a atriz como figura central na articulação entre moda, identidade e protagonismo negro. Ao utilizar o recurso de carrossel de imagens e legendas explicativas, as duas páginas produzem narrativas que conectam estilo, cotidiano e identidade, permitindo observar como Clara Moneke se inscreve no território digital como sujeito de visibilidade e de reexistência.

A partir disso, este trabalho busca responder à seguinte questão-problema: como a atriz Clara Moneke é representada como figura estética e simbólica da negritude em postagens de páginas com enfoques distintos, uma voltada à moda e outra ao ativismo racial, em ambientes digitais de visibilidade midiática?

Para responder a essa pergunta, este estudo tem como objetivo geral analisar de que forma a estética negra é mobilizada nas postagens sobre Clara Moneke como forma de comunicação e resistência simbólica. De modo específico, o estudo examina os elementos visuais, textuais e compositivos das postagens que constroem a imagem de Moneke como referência estética e política. Busca, ainda, compreender como diferentes nichos discursivos, o da moda e o da cultura afrocentrada, contribuem para a circulação de sentidos sobre a moda negra nas redes sociais.



A pesquisa adota como metodologia a semiótica discursiva e plástica, conforme proposta por Greimas e Courtés (1979) e sistematizada por Souza e Pirola (2017), o que permite compreender como os sentidos são construídos nos planos do conteúdo e de expressão. Essa abordagem possibilita analisar os percursos narrativos, discursivos e plásticos na produção de significados de Clara Moneke.

Considera-se ainda que essas imagens circulam em plataformas digitais submetidas a regimes algorítmicos de visibilidade (Beiguelman, 2021), o que implica em disputas por atenção, alcance e reconhecimento, atravessadas por marcadores sociais como raça e gênero.

Fundamentação teórica

A presença de corpos negros nos espaços midiáticos tem sido, historicamente, marcada por processos de invisibilização, controle simbólico e estigmatização, que tensionam e limitam as formas de expressão da estética negra. Para hooks (2019), a estética negra deve ser compreendida como uma linguagem política de resistência, por meio da qual sujeitos negros não apenas respondem aos estigmas impostos pela branquitude dominante, mas produzem modos próprios de existir e significar o mundo. Em sua formulação, a autora propõe uma estética “estranha e opositiva”, que rompe com o ideal de beleza eurocêntrico e propõe uma valorização da experiência negra como fonte de criação, saber e estilo.

A moda, nesse contexto, não é apenas um recurso ornamental, mas uma prática comunicacional situada. Quando uma mulher negra escolhe cuidadosamente seus acessórios, penteados e roupas, como observa hooks (2019), ela está realizando um gesto político, sobretudo quando esses elementos se conectam a memórias ancestrais e práticas culturais negras. A autora defende que essa estética não busca aceitação nas lógicas do consumo branco, mas afirma outras formas de beleza e presença, ligadas à coletividade, à subjetividade e à reinvenção dos modos de ser. Dessa forma, a estética negra opera como gesto de autonomia e como prática de resistência.

Essa discussão se articula ao que Rodrigues (2022) denomina como transformação da imagem, conceito que amplia o debate da estética negra para o campo audiovisual. O autor mostra como a expressão “cinemas negros” não se limita a definir obras por autoria ou elenco, mas constitui um termo estético-político, voltado



a reconfigurar os modos de ver e representar a negritude. Para Rodrigues (2022), tal perspectiva deve ser entendida dentro de um percurso histórico mais amplo, que remonta às mobilizações negras dos anos 1970, quando intelectuais como Clóvis Moura, Eduardo de Oliveira e Oliveira e Beatriz Nascimento formularam a chamada “Sociologia Negra”, concebendo a população negra como sujeito do conhecimento teórico e agente de transformação da realidade.

Ao aproximar esses aportes do *corpus* analisado, percebe-se que os registros de Clara Moneke, ainda que situados no cotidiano de sua carreira artística, dialogam com esse processo histórico de reivindicação da imagem negra. Sua presença estética no Instagram, especialmente em um momento de virada de sua trajetória, entre a revelação em *Vai na Fé* (2023) e o protagonismo em *Dona de Mim* (2025), pode ser lida como parte desse movimento de resistência. Em diálogo com hooks (2019) e Rodrigues (2022), entende-se que a estética da atriz, ao mesmo tempo, estranha e opositiva, também atualiza uma disputa política por pertencimento e visibilidade, ressignificando a imagem da mulher negra como referência de beleza, criatividade e resistência no território digital.

Essa disputa pelo olhar é também central na obra de Grada Kilomba (2019), que demonstra como o colonialismo impôs ao corpo negro não apenas limitações materiais, como o silenciamento físico e a interrupção da comunicação, mas também máscaras simbólicas que respondiam às expectativas do olhar branco. Essas máscaras ocultavam identidades plurais e produziam uma violência simultaneamente concreta e simbólica, perpetuando a exclusão e a inferiorização. A possibilidade de retirar tais máscaras, segundo a autora, é um gesto de descolonização: reinscrever a própria imagem a partir da experiência negra e romper com os enquadramentos coloniais que sempre relegaram esses corpos à invisibilidade ou ao exotismo. Nesse ponto, a leitura de Kilomba (2019) aproxima-se da reflexão de hooks (2019), na medida em que ambas reconhecem na estética um território de resistência e de rearticulação da memória.

Kilomba (2019) também problematiza o silenciamento imposto historicamente às vozes negras, tanto na ciência quanto na cultura, apontando como a interdição da fala é uma das expressões mais brutais do racismo, pois priva sujeitos negros da condição de agentes epistêmicos e políticos. O gesto de falar, ou de se projetar esteticamente, torna-se, assim, profundamente político, pois rompe com a exclusão e reivindica legitimidade para narrar e interpretar o mundo. Nesse sentido, o espaço



digital e midiático, ao ser ocupado por figuras como Clara Moneke, pode ser lido como lugar em que a estética funciona também como “fala”: uma linguagem visual que expressa protagonismo e agência no território digital. Assim, suas performances no Instagram podem ser compreendidas como práticas de reexistência e afirmação, que rompem com os discursos coloniais da representação e inscrevem novas possibilidades de ser e aparecer no território digital.

Além disso, a autora evidencia como elementos aparentemente banais, como o cabelo, foram historicamente transformados em campo de disputa simbólica, alvo de estigmatização e tentativas de embranquecimento. A decisão de exibir cabelos naturais, tranças ou penteados que dialogam com tradições afrodescendentes inscreve-se, portanto, em uma genealogia de resistência. Esse aspecto dialoga diretamente com hooks (2019), que compreende as escolhas estéticas como práticas políticas, e amplia o que Rodrigues (2022) entende por transformação da imagem: não apenas uma reconfiguração formal, mas uma mudança nas epistemologias visuais que organizam o espaço social.

Assim, a integração entre hooks (2019), Rodrigues (2022) e Kilomba (2019) evidencia que a estética negra não deve ser reduzida a ornamento ou estilo individual. Ela opera como memória coletiva, resistência cultural e gesto epistemológico, capaz de romper com as máscaras coloniais, enfrentar o silêncio histórico e reposicionar o corpo negro como protagonista do visível e do dizível. A presença de atrizes como Clara Moneke no espaço midiático, portanto, não pode ser lida apenas em termos de representatividade numérica, mas como parte de um processo mais amplo de disputa estética, política e epistemológica que redefine as fronteiras do que pode ser visto, dito e celebrado na esfera pública.

Ademais, a compreensão da moda como linguagem comunicacional se consolida a partir de autores como Barnard (2003), McLuhan (1964) e Maffesoli (1996), cujas formulações são sistematizadas por Pirola (2025). Para Barnard (2003), a moda deve ser entendida não como simples canal de envio de mensagens, mas como um sistema de significação, no qual as roupas operam como signos culturais que estruturam identidades e estabelecem fronteiras sociais. A indumentária, nesse sentido, não comunica de forma unívoca ou transparente, mas integra processos de produção e troca de significados que são situados historicamente e atravessados por disputas de poder.



Ao lado dessa visão, McLuhan (1964) amplia a compreensão da moda ao considerá-la uma “extensão da pele”, isto é, uma forma de mediação tecnológica que se incorpora ao corpo e transforma a experiência de estar no mundo. Para o autor, o vestuário não é mero adorno, mas um meio que molda percepções e interações, participando ativamente da constituição do ser social. Essa perspectiva ressoa em Maffesoli (1996), que associa a indumentária à ideia de pertencimento comunitário, enfatizando como estilos e estéticas se convertem em elementos de agregação simbólica, capazes de traduzir afetos e fortalecer vínculos coletivos.

Em diálogo com essas formulações, Pirola (2025) articula tais aportes para defender que o vestuário deve ser compreendido como uma linguagem não verbal que possibilita ao sujeito comunicar sua posição no mundo. A roupa funciona, então, como mecanismo de aproximação ou distanciamento social, retomando a clássica leitura de Simmel (1981) sobre moda como mecanismo de distinção e imitação. Assim, quando articulada à estética negra, a moda transcende seu caráter utilitário ou ornamental e se afirma como forma de comunicação política e cultural. Trata-se de um meio que constrói sentidos, produz narrativas e reinscreve presenças no território digital, operando como mídia que, ao mesmo tempo em que revela identidades, também disputa regimes de visibilidade. No caso de Clara Moneke, esse processo é exemplar: sua performance estética no Instagram não apenas comunica estilo, mas se projeta como linguagem de resistência e como prática de afirmação da negritude no território digital.

Essa compreensão da estética como prática territorializada se articula com os aportes de Rogério Haesbaert (2023), ao tratar o território como uma construção relacional, simbólica e política. Para o autor, o território não se reduz a um recorte físico ou geográfico, mas envolve dimensões subjetivas e coletivas, em que afetos, identidades e relações de poder são continuamente negociados. Assim, ele deve ser compreendido como espaço de negociação permanente, que se atualizam tanto na materialidade dos lugares quanto nas representações simbólicas que os constituem. A partir dessa chave de leitura, é possível pensar o território também em sua versão digital: as redes sociais, como o Instagram, funcionam como espaços em que se produzem visibilidades, se estabelecem fronteiras do aceitável e se travam embates pelo direito de aparecer.



Sob essa perspectiva, os ambientes digitais podem ser lidos como territórios simbólicos. Não se trata apenas de espaços de circulação de informações, mas de campos nos quais se constroem hierarquias de reconhecimento. O poder, nesse contexto, opera não apenas pela imposição direta, mas também pelas mediações sutis da curadoria algorítmica e pelas lógicas de engajamento que definem quais corpos e narrativas são ampliados ou silenciados. Nesse sentido, quando Clara Moneke compartilha seus looks no Instagram, ela não está apenas reproduzindo padrões de consumo estético: ao ocupar a plataforma com sua imagem, a atriz reivindica um território de estilo, de voz e de narrativa, reinscrevendo presenças negras em um espaço historicamente marcado pela invisibilização. Sua estética se torna uma prática territorializada que disputa regimes de visibilidade e desloca os limites do representável no ambiente digital.

Em diálogo com esse raciocínio, a noção de corpo-território (Haesbaert, 2020) aprofunda o entendimento do corpo como primeiro e último espaço de defesa. O corpo, sobretudo de sujeitos que vivenciam formas interseccionadas de opressão, é compreendido como território político e epistêmico, no qual se inscrevem memórias, afetos e resistências. Nessa perspectiva, o corpo não apenas resiste, mas enuncia, tornando-se suporte de discursos e afirmações de identidade. Ao observarmos a moda como extensão desse corpo-território, percebemos como roupas, estilos operam como linguagens que comunicam pertencimentos, rupturas e posicionamentos no mundo. A presença de Clara Moneke no Instagram, então, não se restringe à exibição de tendências, mas projeta um corpo-território negro que comunica ancestralidades, reivindica espaço simbólico e tensiona as disputas próprias do território digital, transformando a moda em prática de resistência e reexistência.

Para ampliar essa discussão no campo das mídias digitais, é fundamental considerar o que Giselle Beiguelman (2021) propõe ao analisar a circulação das imagens na internet como parte de uma dadosfera. Nesse ambiente, o fluxo de informações não ocorre de forma neutra, mas está inserido em um sistema de controle e processamento algorítmico no qual imagens, textos e interações são continuamente transformados em dados, classificados, e distribuídos conforme padrões invisíveis aos usuários, mas determinantes para o modo como os conteúdos ganham ou não visibilidade. O digital, assim, não é apenas um espaço de expressão, mas também um campo de administração de aparições, em que a própria lógica técnica do



funcionamento das plataformas interfere nas formas de reconhecimento social e cultural.

Beiguelman (2021) denuncia como essa curadoria algorítmica se inscreve em lógicas de visibilidade que frequentemente reproduzem apagamentos e racializações. Isso significa que o ambiente digital não é alheio às desigualdades históricas, mas, ao contrário, tende a reforçá-las: corpos brancos, magros e conformes aos padrões hegemônicos são muitas vezes hiperexpostos, enquanto corpos negros, indígenas ou dissidentes podem ser silenciados, removidos ou simplesmente não alcançam os mesmos patamares de circulação. Trata-se de um mecanismo técnico que opera sob uma aparência de neutralidade, mas que, na prática, projeta e amplia as desigualdades estruturais da sociedade. Nas redes sociais, a presença de sujeitos negros, ainda que performada com estética sofisticada e curadoria refinada, permanece sujeita a esse filtro, que regula de forma desigual quem pode aparecer, alcançar e influenciar.

Nesse contexto, a imagem de Clara Moneke enquanto figura *fashionista* também disputa um espaço em plataformas cujo funcionamento técnico é atravessado por essas assimetrias raciais. Sua performance estética, que articula moda, memória e resistência, não circula em um território livre, mas em um espaço mediado por algoritmos que, muitas vezes, restringem a potência de sua mensagem. O olhar semiótico, nesse caso, deve se abrir para além do nível das representações visíveis e considerar também o que pode aparecer. Mais do que a análise da superfície das imagens, trata-se de compreender o jogo de forças que determina a sua circulação, em um ambiente no qual as disputas simbólicas se entrelaçam às disputas técnicas, revelando como o território digital é constantemente atravessado por fronteiras invisíveis que definem quem pode existir publicamente.

Metodologia

O *corpus* deste estudo é composto por duas postagens publicadas nas páginas *Steal The Look* e *Africanize Oficial*, no Instagram. A primeira consiste em um vídeo que reúne 17 *looks* da atriz, enquanto a segunda corresponde a um carrossel com 17 imagens, cada uma apresentando composições visuais distintas. A seleção dos dois *looks* analisados foi orientada pela repercussão nos comentários das postagens, considerando seu maior engajamento discursivo. A opção por um *corpus* reduzido se



justifica pela natureza qualitativa da pesquisa, que privilegia uma análise aprofundada dos processos de significação, em consonância com a semiótica discursiva.

A análise é conduzida com base na semiótica discursiva e plástica, conforme proposta por Greimas e Courtés (1979) e sistematizada por Souza e Pirola (2017), que compreende a construção de sentido a partir de dois planos interdependentes: o plano de conteúdo e o plano de expressão. No plano de conteúdo, encontra-se o percurso gerativo de sentido, que se estrutura em três níveis: o nível fundamental, o nível narrativo e o nível discursivo. O nível fundamental trata das oposições semânticas que organizam os sentidos mais profundos do texto, como vida e morte ou presença e ausência. Em seguida, o nível narrativo estrutura os sujeitos do discurso — os chamados atores — que, ao longo da narrativa, entram em ação para alcançar um objeto de valor, geralmente por meio de objetos modais, como o saber, o poder ou o dever. Esse percurso é marcado por performances que podem ser avaliadas como eufóricas (positivas) ou disfóricas (negativas), culminando em uma sanção que define o sucesso ou fracasso na obtenção do objeto de valor. Já o nível discursivo é responsável pela individualização da narrativa, estabelecendo os marcos de tempo e espaço, as características das personagens e o ponto de vista da enunciação. Paralelamente, o plano de expressão corresponde à plasticidade do texto e abrange os chamados formantes cromáticos, eidéticos (formas), topológicos e matéricos. Esses elementos compõem a superfície sensível da linguagem e são responsáveis pela formalização dos sentidos. Assim, a semiótica discursiva e plástica permite compreender não apenas o conteúdo temático das postagens analisadas, mas também os modos pelos quais os sentidos são performados, atualizados e visualmente articulados, considerando os elementos estéticos, narrativos e simbólicos presentes na representação de Clara Moneke.

Resultados e discussões

A análise a seguir se orienta pela semiótica discursiva e plástica, articulando os planos de conteúdo e de expressão para investigar os sentidos construídos nas postagens de Clara Moneke no Instagram. Para isso, foram selecionadas duas imagens, uma da página *Steal The Look* e outra da página *Africanize Oficial*, que servem como base para discutir como a narrativa e a visualidade operam, de modos distintos, na



construção de sua imagem como referência de estilo e presença negra nas mídias digitais. A seguir, apresenta-se a Figura 1, referente à postagem de Clara Moneke divulgada pela página *Steal The Look*.

Figura 1: Postagem de Clara Moneke publicada pela página *Steal The Look* no Instagram



Fonte: Instagram (@stealthelook), 2025³.

Na Figura 1, referente à postagem da página *Steal The Look*, no nível fundamental, a oposição semântica que organiza os sentidos da postagem é a de presença/ausência. A performance de Clara Moneke reinscreve o corpo negro como presença afirmativa em territórios digitais historicamente marcados por ausências e apagamentos. Essa presença não se limita ao ato de ser vista, mas se concretiza como inscrição simbólica e política, dialogando com a noção de corpo-território (Haesbaert, 2020), em que o corpo funciona como primeiro e último espaço de defesa, de memória e de enunciação. A ausência, por outro lado, refere-se tanto ao apagamento histórico dos corpos negros na moda quanto às formas contemporâneas de exclusão, mediadas pelos regimes algorítmicos que controlam o que circula ou permanece à margem (Beiguelman, 2021).

No nível narrativo, Clara Moneke se configura como sujeito da ação que busca alcançar um objeto de valor: a presença digital. Esse valor é construído por meio de objetos modais que lhe conferem competência para realizar a performance: o saber estético (curadoria do *look*, combinação de peças e acessórios), o saber da linguagem digital (a pose diante do espelho, o enquadramento, a *selfie* como prática cultural das

³ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DKPKotYNckm/>. Acesso em: 29 mai. 2025.



redes) e o poder midiático (a amplificação de sua imagem em páginas externas como *Steal The Look* e *Africanize Oficial*). Sua performance, marcada por confiança e estilo, é avaliada de forma eufórica, uma vez que resulta em legitimação: além de se dar a ver para seu público direto, Clara é sancionada positivamente por páginas que ocupam nichos distintos, moda e cultura afrocentrada. Nesse sentido, o objeto de valor alcançado não se restringe à visibilidade esperada em sua própria página, mas se expande em um reconhecimento coletivo, validando sua presença em diferentes esferas discursivas.

No nível discursivo, a narrativa se individualiza pela articulação do tempo, do espaço, das características da personagem e do ponto de vista da enunciação. O tempo é marcado pela contemporaneidade, evidenciada pelo uso do *smartphone* e pela prática cultural da *selfie* como performance típica das redes sociais digitais. O espaço apresenta caráter neutro e impessoal, sem marcas culturais definidas, o que desloca o foco para o corpo da atriz, que se torna o território central de significação. As características da personagem reforçam essa centralidade: Clara se projeta como sujeito sofisticado e curadora de si, articulando moda, estilo e identidade. O ponto de vista da enunciação é autorreferencial: a atriz não apenas posa, mas produz e controla a própria imagem, mediada pelo celular, tornando-se ao mesmo tempo sujeito e objeto da enunciação.

Além da performance visual, a legenda da página *Steal The Look* acrescenta camadas de sentido à enunciação. Ao descrever Clara como “*fashionista* de mão cheia” e vincular seus *looks* ao protagonismo na novela *Dona de Mim*, a página legitima sua presença estética em um nicho especializado da moda. O tom celebrativo e interativo, característico do *lifestyle* digital, reforça a dimensão cotidiana de sua performance e estabelece um contrato de comunicação com os seguidores, convidando-os a comentar e a se engajar. Nesse processo, a legenda não apenas descreve, mas chancela a atriz como referência de estilo, confirmando a obtenção do objeto de valor em sua dimensão narrativa.

Por fim, no nível plástico, a materialidade da imagem reforça os sentidos produzidos nos outros níveis. Os formantes cromáticos evidenciam contrastes que equilibram neutralidade e afirmação: o branco do *cropped* transmite leveza, enquanto o rosa vibrante da saia projeta vitalidade e protagonismo. Os formantes eidéticos mesclam linhas retas (saia longa, parede) e curvas do corpo, sugerindo estabilidade e



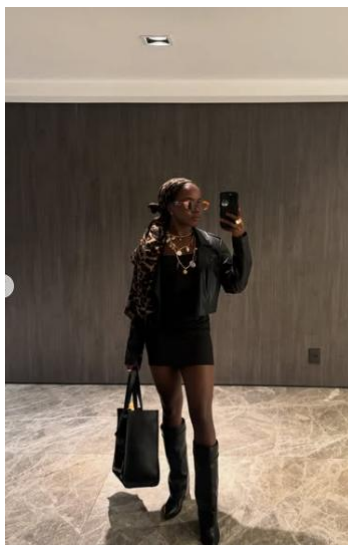
organicidade. Os formantes topológicos posicionam Moneke ao centro, indicando foco e protagonismo, enquanto o celular em frente ao rosto explicita a mediação tecnológica da presença. Os formantes matéricos contrastam a fluidez do tecido da saia com a rigidez da parede e do piso, reforçando o corpo como espaço de movimento e vida em oposição ao ambiente neutro.

Na postagem analisada, o cabelo afro de Clara ganha centralidade tanto quanto suas roupas e acessórios, compondo a performance estética que se projeta no digital. Mais do que um detalhe ornamental, o cabelo se torna um signo de resistência e afirmação identitária, reforçando o que bell hooks (2019) descreve como uma estética “estranha e opositiva”, que rompe com padrões eurocêntricos e reinscreve outras formas de beleza e presença. Ao mesmo tempo, como observa Kilomba (2019), essa escolha dialoga com um passado colonial em que o cabelo negro foi alvo de estigmatização e tentativas de embranquecimento, evidenciando como a performance de Clara confronta esse legado ao se apresentar com naturalidade e orgulho. Desse modo, tanto a roupa quanto o cabelo funcionam como extensões do corpo-território, fazendo do seu estilo um gesto político e comunicacional que reinscreve a presença negra em territórios digitais marcados por disputas simbólicas.

A seguir, apresenta-se a Figura 2, referente à postagem da página *Africanize Oficial* no Instagram. Diferente do enquadramento da *Steal The Look*, voltado ao universo da moda e do *lifestyle* digital, aqui a narrativa se ancora em uma perspectiva afrocentrada, em que a presença estética de Clara Moneke é mobilizada como expressão de autenticidade e valorização da cultura negra.



Figura 2: Postagem de Clara Moneke publicada pela página *Africanize Oficial* no Instagram



Fonte: Instagram (@africanizeoficial), 2025⁴.

Na Figura 2, referente à postagem da página *Africanize Oficial*, no nível fundamental, a oposição semântica de presença/ausência novamente estrutura os sentidos, mas com ênfase em atributos de autenticidade e ancestralidade. A presença de Clara Moneke não é apenas visual, mas simbólica, reinscrevendo a negritude em territórios digitais historicamente atravessados pela ausência. A ausência, aqui, corresponde tanto ao apagamento histórico de corpos negros no campo da moda quanto às exclusões que ainda se manifestam na circulação de imagens.

No plano narrativo, Moneke se configura como sujeito da ação que busca e alcança o objeto de valor da presença afirmativa. Sua performance estética é sustentada por objetos modais como o domínio da linguagem digital, a curadoria de estilo e a consciência do próprio corpo como signo. Essa competência é legitimada de forma eufórica pela *Africanize Oficial*, que projeta Clara não apenas como *fashionista*, mas como protagonista dentro e fora das telas, vinculando sua imagem à valorização da cultura negra. Ao contrário da chancela conferida pela *Steal The Look*, que se ancora no nicho da moda, a legitimação aqui é atravessada por uma dimensão identitária e política.

No nível discursivo, a temporalidade da cena continua ancorada na contemporaneidade, marcada pela prática da *selfie* e pelo uso do *smartphone* como mediador da visibilidade. O espaço, neutro e impessoal, desloca o foco para o corpo,

⁴ AFRICANIZE. Instagram (@africanizeoficial). Disponível em: https://www.instagram.com/p/DJ4wYfbSdDg/?img_index=1. Acesso em: 27 mai. 2025.



que se constitui como território central de enunciação. As características da personagem são enfatizadas pelo discurso afrocentrado: Moneke é enunciada como sujeito de estilo, mas também de autenticidade e ancestralidade. O ponto de vista da enunciação adquire uma dimensão coletiva, uma vez que a página não apenas descreve sua estética, mas a inscreve em um projeto de afirmação cultural compartilhado.

No plano plástico, a paleta cromática dos *looks*, sobretudo a predominância do preto na imagem selecionada, projeta sofisticação e potência. A centralidade topológica da personagem no enquadramento, somada à presença de acessórios e ao cabelo afro como formantes cromáticos e matéricos, reforça a ideia de corpo-território, em que moda e corpo se comunicam simultaneamente.

A legenda amplia os sentidos já presentes na imagem, ao destacar o “estilo único, cheio de atitude e ancestralidade”. O discurso valoriza a autenticidade como inspiração cotidiana e projeta Clara Moneke como referência que inspira e representa, em sintonia com uma estética engajada. Enquanto a *Steal The Look* adota um tom celebrativo e voltado ao consumo de moda, a *Africanize Oficial* assume postura de enunciação coletiva, vinculando a performance da atriz a um projeto de afirmação da cultura negra.

Essa leitura dialoga com a concepção de bell hooks (2019) sobre a estética negra como linguagem política de resistência, em que cabelo, roupas e acessórios se tornam gestos de afirmação identitária. Aproxima-se também da reflexão de Kilomba (2019), ao mostrar como a performance de Clara Moneke rompe com máscaras coloniais e reinscreve o corpo negro como sujeito epistêmico e visível. Em convergência com Rodrigues (2022), a imagem pode ser entendida como parte de uma transformação das epistemologias visuais que organizam a presença negra. Assim, a postagem da *Africanize Oficial* evidencia a moda como extensão do corpo-território (Haesbaert, 2020), em que estética, ancestralidade e digitalidade se articulam na disputa por reconhecimento e visibilidade.

A comparação entre as duas postagens evidencia como diferentes nichos discursivos contribuem de maneira singular para a circulação de sentidos sobre a moda negra nas redes sociais. Enquanto a *Steal The Look* legitima Clara Moneke a partir de um enquadramento típico do universo da moda e do *lifestyle* digital, valorizando sua performance como inspiração estética cotidiana, a *Africanize Oficial* inscreve essa



mesma imagem em uma perspectiva afrocentrada, ressaltando ancestralidade, autenticidade e protagonismo negro. Assim, embora ambas ampliem sua visibilidade, cada uma o faz com gramáticas distintas: a primeira pelo viés do consumo de moda e da celebridade midiática, e a segunda pela afirmação identitária e pela vinculação a um projeto coletivo de valorização da negritude.

Considerações finais

A análise das postagens de Clara Moneke nas páginas *Steal The Look* e *Africanize Oficial* revelou como a moda, quando apropriada por sujeitos negros, opera como linguagem de resistência e ferramenta de pertencimento e visibilidade. A partir da semiótica discursiva e plástica (Greimas; Courtés, 1979), foi possível compreender como a atriz estrutura uma narrativa que desloca o corpo negro da ausência histórica e reinscreve sua presença em territórios digitais, ativando sentidos no plano simbólico e expressivo.

Na *Steal The Look*, a presença de Clara é legitimada pelo nicho da moda, que a chancela como *fashionista* de destaque e fonte de inspiração para o consumo de estilo, reforçando sua performance estética no cotidiano digital. Já na *Africanize Oficial*, que valoriza a ancestralidade e autenticidade, inscreve sua performance em um projeto coletivo de afirmação cultural. Essa diferença de enquadramentos mostra que a circulação da moda negra não se dá de forma homogênea, mas é mediada por distintos regimes discursivos que produzem sentidos específicos.

Ao relacionar esses achados com a fundamentação teórica, torna-se evidente que as performances de Clara Moneke mobilizam dimensões de memória e ancestralidade, como destaca hooks (2019), e funcionam como práticas de resistência frente às lógicas coloniais da estética. A presença da atriz também confirma a leitura de Rodrigues (2022), para quem a transformação da imagem não é apenas formal, mas epistemológica: ao se projetar como protagonista, Moneke desestabiliza gramáticas coloniais e inaugura modos outros de ver, narrar e existir. Essa transformação está em sintonia com Kilomba (2019), que aponta para a necessidade de romper com as “máscaras” impostas ao corpo negro e de reivindicar a condição de sujeito falante e epistêmico.



Nesse quadro, é também produtivo mobilizar a noção de corpo-território (Haesbaert, 2020), uma vez que o corpo negro, ao se inscrever esteticamente no espaço digital, projeta-se como território em disputa, tensionando normas de visibilidade e padrões de consumo simbólico. O Instagram, enquanto território midiático, revela-se ambíguo: de um lado, espaço de criação e reinscrição de narrativas negras; de outro, ambiente atravessado pela seletividade algorítmica e pela curadoria digital (Beiguelman, 2021), que medeia quais corpos e imagens são amplificados ou invisibilizados. Reconhecer essas tensões é fundamental para compreender que a presença de Clara Moneke não se restringe a um dado individual, mas representa um processo coletivo de disputa por espaço, visibilidade e legitimidade cultural.

Conclui-se, portanto, que a análise das postagens permite compreender o território digital como campo de disputa estética, política e epistêmica. A moda e a imagem, quando apropriadas por sujeitos negros, deixam de ser meros ornamentos para se constituírem como práticas de resistência, memória e produção de saberes. Ao articular hooks (2019), Kilomba (2019), Rodrigues (2022), Haesbaert (2020) e Beiguelman (2021), evidencia-se que o corpo negro, ao ocupar o espaço midiático, não apenas resiste, mas também reconfigura o território contemporâneo, afirmando-se como sujeito pleno de conhecimento, agência e representação.

Referências

- AFRICANIZE OFICIAL. Clara Moneke que se destaca como protagonista dentro e fora das telas com seu estilo. Instagram: @africanizeoficial. [S.l.], 20 maio 2025. Postagem. Disponível em: https://www.instagram.com/p/DJ4wYfbSdDg/?img_index=1. Acesso em: 27 mai. 2025.
- BARNARD, Malcolm. **Moda e Comunicação**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- BEIGUELMAN, Giselle. **Políticas da imagem: vigilância e resistência na dadosfera**. São Paulo: Ubu Editora, 2021.
- GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Cultrix, 1979.
- HAESBAERT, Rogério. Conceitos fundamentais da Geografia: território. **GEOgraphia**, Niterói, v. 25, n. 55, e61073, 2023. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/61073>. Acesso em: 27 mai. 2025.



HAESBAERT, Rogério. Do corpo-território ao território-corpo (da terra): contribuições decoloniais. **GEOgraphia**, Niterói, v. 22, n. 48, 16 jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/43100/0>. Acesso em: 27 mai. 2025.

hooks, bell. Uma estética da negritude: estranha e opositiva. In: HOOKS, bell. **Anseios: raça, gênero e políticas culturais**. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Editora Elefante, 2019. p. 155–168.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MACLUHAN, Marshal. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Editora Cultrix, 1964.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

PIROLA, Maria Nazareth Bis. Interfaces comunicação e moda. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 28., 2025, Campinas. **Anais do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**. São Paulo: Intercom, 2025. Edição digital. Organização: Ariane Carla Pereira; Maria do Carmo Silva Barbosa. Disponível em: <https://sistemas.intercom.org.br/pdf/submissao/regional/18/2693/033020251350086ze97640f276d.pdf>. Acesso em: 3 jun. 2025.

RODRIGUES, Anthony. Os cinemas negros brasileiros e a transformação da imagem: percursos de um termo estético-político. **Sociedade e Estado**, [S. l.], v. 37, n. 03, p. 1027-1049, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/qgdWsVXNkKH979ZGG55rCGh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 ago. 2025.

SIMMEL, Georg. Essai sur la sociologie des sens. In: **Sociologie et Épistémologie**, Presses Universitaires de France, 1ª edição de 1981.

SOUZA, Flávia Mayer dos Santos; PIROLA, Maria Nazareth Bis. O encontro da teoria semiótica com a publicidade e o consumo. In: ZANETTI, Daniela; REIS, Ruth (org.). **Comunicação e territorialidades: poder e cultura, redes e mídias**. Vitória: Edufes, 2017. p. 206–218.

STEAL THE LOOK. Precisamos falar sobre os looks de Clara Moneke. Instagram: @stealthelook. [S.l.], 29 maio 2025. [postagem no Instagram]. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DKPKotYNckm/>. Acesso em: 29 maio 2025.

TV GLOBO. **Vai na Fé**. Rio de Janeiro: TV Globo, 2023. Disponível em: <https://gshow.globo.com/novelas/vai-na-fe/>. Acesso em: 17 ago. 2025.

TV GLOBO. **Dona de Mim**. Rio de Janeiro: TV Globo, 2024. Disponível em: <https://gshow.globo.com/novelas/dona-de-mim/>. Acesso em: 17 ago. 2025.



Este é um ARTIGO publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.